



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

TAIRAM CARLOS SOARES DA SILVA

**REIFICAÇÃO E RESISTÊNCIA NO ROMANCE *SÃO BERNARDO*, DE
GRACILIANO RAMOS**

CAJAZEIRAS - PB

2021

TAIRAM CARLOS SOARES DA SILVA

**REIFICAÇÃO E RESISTÊNCIA NO ROMANCE *SÃO BERNARDO*, DE
GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras – como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

CAJAZEIRAS - PB

2021

S586r Silva, Tairam Carlos Soares da.
Reificação e resistência no romance São Bernardo, de
Graciliano Ramos / Tairam Carlos Soares da Silva. - Cajazeiras,
2021.

35f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFCG/CFP, 2021.

1. Estudos literários. 2. Reificação. 3. Paulo Honório. 4. São
Bernardo. 5. Literatura. 6. Língua portuguesa. 7. Graciliano Ramos.
I. Sousa, Elri Bandeira de. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

TAIRAM CARLOS SOARES DA SILVA

REIFICAÇÃO E RESISTÊNCIA NO ROMANCE SÃO BERNARDO, DE
GRACILIANO RAMOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 24/05/2021

Banca Examinadora:

Elri Bandeira de Sousa

Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)

Carlos Gildemar Pontes

Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)

Nelson Eliezer Ferreira Júnior

Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

Dedico este trabalho à minha mãe que é a pessoa que mais lutou para me dar uma educação de qualidade e ter a oportunidade e liberdade de escolher a profissão que eu gostaria de exercer.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço ao Deus trino pelo dom da vida e que em todo momento esteve ao meu lado, me ajudando e me dando força para que eu pudesse enfrentar todo o percurso até o presente momento. Não tenho palavras para descrever tamanho cuidado e sustento.

Ao governo Dilma e Lula por viabilizar o ingresso ao ensino superior e tornar real o tão sonhado desejo de conquistar o acesso ao ensino superior. Gratidão aos meus amados familiares por todo apoio e por sempre estarem sempre ao meu lado quando preciso. De modo especial, agradeço a minha mãe Lourdes, minha irmã Tassiana, bem como, ao meu pai Daschagas.

A esse gigante chamado Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) que abriu as portas e me proporcionou diversos aprendizados que jamais serão esquecidos. À Unidade Acadêmica de Letras, na pessoa dos coordenadores e funcionários que sempre estiveram dispostos a me atender e ajudar no que fosse necessário.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

A professora de TCC, Erlane por sua disponibilidade e prontidão a ajudar no que fosse preciso.

A todos os meus amigos que me ajudaram e me apoiaram de todas as formas, e me estimularam a não desistir da caminhada.

Ao meu orientador Elri Bandeira. Muito obrigado por aceitar esse desafio. Admiro muito você e o seu trabalho, e não há palavras para expressar o tamanho da minha gratidão a você.

Aos professores da banca de defesa por aceitarem tão prontamente avaliarem meu trabalho, fazendo parte deste momento único na minha vida.

"A língua é a chave para o coração de um povo. Se perdemos a chave, perdemos o povo. Se guardamos a chave em lugar seguro, como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta."

(Eva Engholm)

RESUMO

O presente trabalho realizou um levantamento bibliográfico acerca da reificação e alienação do narrador-personagem Paulo Honório, do romance *São Bernardo*, obra do escritor alagoano Graciliano Ramos, e propôs novas reflexões sobre esse tema. A reificação significa a ação de uma pessoa em tratar outras como objetos, seja de cunho exploratório ou de troca. Tal feito é observado na relação entre o protagonista e os demais moradores da fazenda, inclusive sua esposa, Madalena. A pesquisa mostrou que já foram realizados vários trabalhos com essa abordagem; entretanto, foi preferido revisitar o tema e reabrir a discussão em questão, considerando as ideias e conclusões de alguns pesquisadores frente ao referido objeto de estudo. Salientamos, neste trabalho, a atitude de Madalena ao resistir às investidas de Paulo Honório no sentido de submetê-la ao processo de reificação. Observou-se, por fim, que os autores revisitados têm opiniões diversas sobre a forma de reificação das personagens em *São Bernardo*, romance de Graciliano Ramos que tematiza as contradições entre a modernização capitalista e a permanência de práticas arcaicas no meio rural nordestino. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Este trabalho fundamenta-se em Candido (2006), Coutinho (1965), Lafetá (1985), Zawaski (2015), Silva (2008) e outros.

Palavras-chave: Paulo Honório. Reificação. *São Bernardo*.

ABSTRACT

This paper presents a literature review about the reification and alienation process that comes from the first-person narrator Paulo Honório in the novel *São Bernardo* by the Brazilian writer Graciliano Ramos, and proposes further consideration on this topic. Reification means how a person considers others as objects, in an exploitative way or as in a trade. The relationship between the protagonist and the other dwellers on the farm including his wife Madalena is an example of that. The review showed that several works have this approach as a major subject; however, we decided to revisit it and reopen this discussion, regarding the ideas and conclusions of some researchers. We here stress the importance of Madalena's attitude in resisting Paulo Honório's attempts towards submitting her to the process of reification. Finally, we noted that researchers had different opinions when it comes to how reification affects the characters in *São Bernardo*, a novel that addresses the contradiction between modernization and the cultural archaic practices in the rural areas of Brazilian Northeast. The methodology used was a literature review with qualitative research. Candido (2006), Coutinho (1965), Lafetá (1985), Zawaski (2015), Silva (2008) and others provide the basis for this work.

Keywords: Paulo Honório. Reification. *São Bernardo*.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 FORTUNA CRÍTICA DE GRACILIANO RAMOS E O PAPEL DE <i>SÃO BERNARDO</i> NO ROMANCE DE 30 | 15 |
| 3 REIFICAÇÃO E ALIENAÇÃO EM PAULO HONORIO | 199 |
| 4 MADALENA: A RESISTÊNCIA CONTRA A REIFICAÇÃO | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 312 |
| REFERÊNCIAS..... | 323 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a questão da reificação e da resistência no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. O livro foi publicado em 1934, contendo 36 capítulos, e foi considerado pela crítica um dos mais fecundos romances do Modernismo Brasileiro, particularmente do chamado “Romance de 30”. Para tanto, achamos conveniente, desde já, situar esta obra em seu contexto histórico e estético de publicação.

No período que precedeu a década de 1930 observava-se um regionalismo marcado por enfatizar aspectos pitorescos e que ainda eram fortemente influenciados pelo Naturalismo. Era necessário produzir uma literatura mais participativa e atenta aos problemas sociais do país, visto que até então se dava certa ênfase às obras estrangeiras ou com grande inspiração na estética e nas vanguardas europeias.

Os chamados romancistas de 30, particularmente os de temática nordestina, tratavam em suas obras de questões sociopolíticas ainda vigentes, como o coronelismo, a luta pela posse da terra, resquícios da escravidão, a seca, a extenuante vida de retirantes, a exploração do homem pelo homem, a monocultura do açúcar, do cacau, o messianismo, o cangaço, entre outras.

Graciliano Ramos trata desse problema em um de seus textos:

Os modernistas não construíram: usaram a picareta e espalharam o terror entre os conselheiros. Em 1930 o terreno se achava mais ou menos desobstruído. Foi aí que se vários pontos surgiram desconhecidos que se afastavam dos preceitos rudimentares da nobre arte da escrita e, embrenhando-se pela sociologia e pela economia, lançavam no mercado, em horrorosas edições provincianas, romances causadores de enxaqueca ao mais tolerante dos gramáticos. Um escândalo. As produções de sintaxe presumivelmente correta encalharam. E as barbaridades foram aceitas, lidas, relidas, multiplicadas, traduzidas e aduladas. Estavam ali pedaços do Brasil — Pilar, a ladeira do Pelourinho, Fortaleza, Aracaju (RAMOS, 1946, p. 20).

Deu-se, portanto, a segunda fase do modernismo, marcada pela renovação do gênero romance, no país, caracterizando-se, principalmente pela narrativa linear, ruralismo, linguagem coloquial/regionalista e a desigualdade social, reflexo da crise sociopolítico-econômica que assolava o Brasil em 1929, já que o Brasil era um grande

agroexportador de café, dependendo do mercado consumidor internacional. O romance produzido por essa geração foi chamado de romance regionalista moderno ou neorrealista, pois foge aos padrões até então urbanos e se aproxima, em alguns aspectos, do realismo e do naturalismo em voga na segunda metade do século XIX.

José Américo de Almeida introduziu esse tipo de romance regionalista no Brasil, com *A Bagaceira*, em 1928, inaugurando uma série de produções ficcionais que ficou conhecida como "Romance de 30". Muitos autores despontaram nesse período, mas os que mais se destacaram foram Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Este último autor cita seu desgosto com o que chama de decadência do romance brasileiro:

Há outros, certamente. Há os que principiaram descrevendo coisas que viram e acabaram descrevendo coisas que não viram. Criaturas inteligentes e inquietas não confiaram nos seus sentidos e entraram resolutamente a delirar. As suas personagens, vagas, absurdas, não comem, não bebem, não sentem as necessidades comuns dos viventes ordinários: mexem-se, ou antes, estão paradas num ambiente de sonho, procedem como os loucos, falam como os loucos. E há dezenas de imitadores, simples copistas (RAMOS, 1946, p. 21).

A modéstia de Graciliano Ramos, autodidata e exigente, dizia muito do caráter intelectual refinado que lhe era característico. Em um "Inquérito" concedido ao Jornal de Alagoas, aos dezoito anos, já esboçava posicionamentos críticos que iriam tomar contornos realistas ao longo do seu projeto poético, e apontava modos de atuação artística, emblemáticos, que o fariam "*contribuidor*" das narrativas de viés regionalista. Argumentava não ser um "literato" relevante, pois suas "ideias tinham pouco valor", e de literatura pouco conhecia. Porém, segundo Wander Miranda, citado por Bernardes (2015, p.139), apesar da modéstia, Graciliano era o autor que mais desmontava essas estruturas de dominação literária, política e cultural em seus textos, conferindo-lhes um valor artístico inovador.

Os romances de Graciliano Ramos oferecem ao leitor uma reflexão crítica das questões sociais, regionais e, mesmo, existenciais, como se pode observar em *São Bernardo*, *Vidas Secas* e *Angústia*.

Assim como outros romancistas da década de 1930, o escritor alagoano apresenta ao Brasil e ao mundo as supracitadas questões até então em grande parte desconhecidas. Trata-se de obras ficcionais que, herdeiras, pelo menos em parte, da

estética naturalista e realista, dão ênfase a questões sociais e regionais como a posse da terra – como se vê em *São Bernardo* – a luta contra a seca – tema de *Vidas Secas* – o tema da decadência social e psicológica, como se observa em *Angústia*.

Em *São Bernardo*, Paulo Honório, o narrador-protagonista, conta-nos sua história. No ano de seu quinquagésimo aniversário, resolve colocar suas memórias no papel, desde sua juventude sofrida aos dias que correm, quando já se encontra sozinho e sem perspectivas pessoais, após a ascensão social, com a aquisição questionável da fazenda *São Bernardo* e um casamento conturbado com a humanitária professora Madalena.

Graciliano Ramos apropriou-se de alguns fatos sociais do ambiente em que vivia e os ficcionalizou na composição artística do romance *São Bernardo*, tornando-o um meio de crítica ao capitalismo nascente no universo arcaico do latifúndio nordestino, reificando as ações do homem: todas as relações humanas são referidas, direta ou indiretamente, a preços e revertidas em mercadorias (SIRINO, 2015). Paulo Honório seria um sujeito alienado. Alienação foi um termo desenvolvido por Karl Marx. Entende-se por alienação, segundo Zawaski (2015), a relação entre os homens e os objetos e coisas que lhes são exteriores. A alienação faz com que ele perca sua consciência, sua identidade e, até mesmo, sua personalidade.

A pesquisa que ora desenvolvemos caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, pois recorre a textos já publicados como obras teóricas, críticas, artigos acadêmicos, publicações em periódicos, etc. É de abordagem qualitativa, observando, aproximadamente, as considerações de Pradanov & Freitas (2013, p. 70) a respeito desse tipo de pesquisa:

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

O presente trabalho está dividido em três capítulos: No primeiro capítulo, faremos uma Introdução ao assunto abordado, bom como a exposição dos objetivos

propostos no trabalho e a exposição da metodologia utilizada e os autores referenciados, além de situar o trabalho em seu contexto histórico; o segundo capítulo retrata a fortuna crítica e o papel da obra *São Bernardo* no contexto do Romance de 30; o terceiro capítulo, por sua vez, analisa a reificação e a alienação do narrador-protagonista Paulo Honório, pois se trata de obra que traz como um dos temas mais destacados a crítica ao capitalismo nascente no meio rural nordestino e a coisificação do homem. Por fim, o quarto capítulo analisa Madalena, a única personagem que o narrador-protagonista não foi capaz de coisificar em suas relações afetivas e mercadológicas.

2 FORTUNA CRÍTICA DE GRACILIANO RAMOS E O PAPEL DE SÃO BERNARDO NO ROMANCE DE 30

Os estudos literários, até os dias atuais, utilizam da crítica literária como ferramenta para avaliar as reflexões que as obras e autores trazem à tona, sendo fundamental para reavivar e perdurar a obra, seja para construção de ideais de refutação ou reiteração. Foi um longo caminho, como cita Sousa (2016), no qual até a própria crítica era alvo de críticas. Porém, utilizamo-las constantemente em nossas pesquisas, pois mesmo que tenhamos uma visão pessoal sobre determinado autor ou obra, buscamos recorrer aos críticos e, assim, construir hipóteses e desenvolver teses. A obra de Graciliano Ramos continua a ser tema de pesquisas e tem provocado, até os dias atuais, estudos relevantes nas áreas dos estudos literários e dos estudos sociológicos. Conforme artigo escrito por Mendes (2017), alguns críticos e pesquisadores da obra do escritor alagoano, como Antônio Candido, Monte Brito, Roger Bastide, Álvaro Lins e Otto Carpeaux têm se destacado.

Assim, conforme Mendes (2017, p.182-183):

O leitor ao ver certo desencanto da vida desenfeitada; lembra-lhe a existência de processos e ao aparecimento ou desaparecimento de realidades que simplesmente se sucedem. O homem é mostrado dentro de seus limites, e há enorme esforço para que suas potencialidades possam ser vistas com o máximo de honestidade possível. Os dilemas entre grupos sociais, classes, ideologias estão lá para mostrar que há sempre mais de uma visão explicando por que a sociedade está tomando determinado rumo, e que existem disputas constantes que não permitem a sustentação da ideia de que se pode simplesmente ficar à parte dos acontecimentos.

Graciliano Ramos é aclamado como um grande romancista moderno tanto pela crítica como pelo público. Seus romances reconstróem, no plano da ficção, temáticas como a seca no Nordeste, a exploração do homem pelo homem, a morte, injustiças sociais, a luta pela sobrevivência, além de dramas psicológicos. Esses temas são tratados com notável tensão crítica, pois neles os personagens opõem-se e resistem aos meios natural e social que o ferem e o laceram irreversivelmente. Essa nova vertente apresentada do romance ampliou as possibilidades para um novo tipo de protagonista para o romance brasileiro: a incorporação dos pobres.

Sua escrita é direta: cada sentença é meticulosamente cuidadosa e primorosa, com o intento de atingir quem está visualizando as palavras, sinta o impacto da

realidade criada esteticamente. Vejamos, abaixo, o que nos diz um de seus mais importantes críticos:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de qualquer coisa preocupado em ser, por intermédio da sua obra, como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias de humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever (CANDIDO, 2006, p. 17).

O autor tornou a região Nordeste, da qual é natural, como cenário para suas obras, dentre elas *São Bernardo*. No entanto, não há descrições detalhadas de paisagens; logo, tudo aquilo que não é essencial à construção visual, é excluído. O autor de *Vidas Secas* impôs-se com essas marcas estilísticas: escrita “seca”, econômica, que evita o excesso de adjetivos, de repetições e de preciosismos desnecessários.

A angústia existencial e a preocupação social são duas vertentes que se destacam em *São Bernardo*, apontadas por Silva (2019). O trabalho artístico fez com que vários críticos categorizassem esse romance como uma “obra à parte da literatura”, devido à sua natureza mais rebuscada e excêntrica alcançada pelo autor, o que não se vê noutras obras da literatura brasileira. O romance nos traz uma vertente literária até hoje pouco utilizada, na qual o pensamento inédito do sujeito está tacitamente incluído no decorrer da trama.

A obra foi escrita em primeira pessoa, havendo rupturas na linearidade temporal, sobretudo em condições metalinguísticas, isto é, o narrador escreve para si e para o leitor, retornando ao passado em busca de fatos e memórias para imprimir algum sentido ao tempo presente da narração.

São Bernardo é desenvolvido a partir da visão do personagem principal, Paulo Honório, que assume a narrativa e descreve sua jornada, através da “biografia encenada” e da memória como recurso da escrita, conforme Santos (2008). O protagonista compartilha seus pensamentos e sentimentos na elaboração da trama,

além de evidenciar suas estratégias para o que ambiciona alcançar. Sendo assim, Paulo Honório é um narrador não confiável: conta uma história que privilegia apenas seu ponto de vista particular, tomando para si a autoridade de revelar e validar sua visão pessoal sobre aqueles que o rodeiam.

O narrador-personagem inicia a narrativa de suas memórias alertando sobre sua pouca dominação com as letras, o que o impossibilita de escrevê-las com a norma culta, porém que não dá importância a esse contratempo, pois sabe que a sua linguagem pode ser entendida por todos.

Paulo Honório, órfão, criado pela velha Margarida, cresceu como trabalhador da roça na fazenda homônima ao título do romance, até a adolescência, quando entra numa confusão pela traição de sua namorada Germana e acaba sendo preso. Transcorrendo a pena de prisão, motivada pelo assassinato cometido nessa briga, conheceu Joaquim Sapateiro, que lhe ensinou a ler. Ao retornar à fazenda, conquistou o título de coronel com muita esperteza, determinação e violência, conquistando também dinheiro e prestígio junto às pessoas a sua volta, impondo seu poder oligárquico, muitas vezes através do emprego da força bruta.

O protagonista não se orgulha de suas raízes e da classe social a que outrora pertencia, e para isso menospreza todo o seu passado sob o seu prisma atual:

Sou, pois, o iniciador de uma família, o que, se por um lado me causa alguma decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinário escorregam com uma sem-vergonheza da peste na intimidade dos que vão trepando (RAMOS, 2008, p. 12).

Devido a esse traço grosseiro do personagem-narrador, o crítico Álvaro Lins destilou uma crítica, considerada das mais coléricas sobre a obra:

O crítico pernambucano aponta como "*principal defeito*" do livro o fato de o narrador ser um "*personagem primário, rústico, grosseiro, ordinário*", conduzindo uma "*novela de tanta densidade psicológica, elaborada com tantos requintes de arte literária*". Permitida a toda obra escrita em primeira pessoa, à margem de inverossimilhança utilizada por Graciliano teria, segundo Lins, sido "*excessiva e inaceitável*" (MENDES, 2017, p.185, grifo do autor).

Desde a adolescência, marcada pelo árduo trabalho, Paulo Honório encanta-se pela fazenda e futuramente torna-se uma obsessão apoderar-se dela a todo custo.

Idealiza que trabalhou para ser proprietário, pois é conhecedor do negócio e da fazenda. Aprendeu letras e números e, junto da sua sabedoria prática e egoísmo, busca triunfar para conquistar a tão sonhada fazenda. Seus planos são reerguer *São Bernardo* e fazer negócios lucrativos, pois, até então, o herdeiro Luiz Padilha não tinha ambição para realizar essas façanhas. Para tal, Paulo Honório usa de meios desonestos e violentos contra o herdeiro daquela propriedade rural. Sua herança emocional e social o delegam desses meios que até afirma que são injustos no trecho “*Que justiça! Não há justiça nem religião. O que há é que o senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho*” (RAMOS, 2008, p. 13).

O crítico Carlos Nelson Coutinho interpreta o narrador diante da sua personalidade egocêntrica:

Paulo Honório reduz tudo ao seu interesse egoísta: os homens não são senão instrumentos de sua ambição, meios que ele utiliza para a obtenção do fim, da realização individual a que se propõe. A construção de um burguês: eis o conteúdo da primeira parte de *São Bernardo*. Note que Graciliano, ao contrário dos naturalistas não nos apresenta um burguês acabado, estático e definido de uma vez por todas: ele narra a evolução psicológica de Paulo Honório, o desenvolvimento de sua violenta e apaixonada ambição em estreita ligação com a totalidade dos objetos que torna possível a realização de seus desejos. Esta desenfreada ambição capitalista é o conteúdo do ‘demonismo’ de Paulo Honório (COUTINHO, 1967, p. 86-87).

Sob o viés de um personagem-narrador, o romance oferece uma visão crítica das características da sociedade patriarcal do início da década de 1930, que corresponde ao período de transição da República Velha para a Era Vargas. Nesse contexto de transição de uma economia agrária arcaica a uma economia de mercado mais avançada, ainda prevalecem o autoritarismo e a centralidade do patriarca. Não é à toa que em várias situações é possível observar nitidamente tais traços, especialmente nos diálogos entre Madalena e Paulo Honório e entre este e os moradores da fazenda.

3 REIFICAÇÃO E ALIENAÇÃO EM PAULO HONÓRIO

É possível verificar fatos sociais nessa obra de ficção e, assim, discernir em que lugar e tempo acontecem, o que orienta a compreensão da história narrada. Para contextualizá-la, as ações são diretamente relacionadas à materialização da imagem pretendida na narrativa. Com isso, nota-se a construção do Paulo Honório no terceiro capítulo, totalmente dedicado a entender a sua aparência, origens e o que ele quer mostrar de personalidade. No decorrer do livro é possível verificar os traços de personalidade que o personagem-narrador não mostrou voluntariamente.

Ao observarmos a ambientação das peripécias do pretensioso fazendeiro rude, forte e vigoroso, nascido e criado em meio aos reveses da vida, sem nem ter certeza da sua realidade, percebemos que os rastros paratópicos do escritor evidenciam-se por si só. Em outras palavras, sabemos que Graciliano Ramos conhecia bem a opressão rural da sociedade nordestina, e a ela se contrapunha. Intelectual atuante que sempre foi o escritor alagoano postulava rigorosamente contra o comportamento machista do seu entorno sociocultural, como fizera, de forma mais direta e recorrente, enquanto trabalhou como cronista dos principais jornais do país (BERNARDES, 2016, p.52).

Para o homem é mais fácil livrar-se da culpa por meio das condições sociais vividas como personagem, e assim acaba por reificar as pessoas ao seu redor exercendo-a como forma de poder perante a sociedade.

Entende-se por reificação, segundo o *Dicionário do Pensamento Marxista*, de Bottomore (2001, p. 314), “a transformação de seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas”. Em outras palavras, as relações entre as pessoas ganham o caráter de uma relação entre coisas. Assim, a lógica da posse das coisas parece naturalizar-se entre as pessoas. Não raro, umas parecem transformar-se em objeto da posse de outras. Ainda segundo Bottomore (op. cit. p. 314), a reificação é a forma mais radical e generalizada de alienação, uma característica da sociedade capitalista moderna.

O protagonista não demora a introduzir o processo de reificar terceiros, vendendo-os e manipulando-os como objeto de troca; nessa pirâmide hierárquica, os mais fortes

dominam os mais fracos, e “têm o direito” de tirar deles todo seu proveito. Camargo (2001), destaca em sua tese a necessidade de comparação entre os extremos, onde no Paulo Honório encontra-se no topo e outros indivíduos “inferiores”, na base. Logo, quaisquer comparações com estes últimos é uma desmedida provocação.

O que ele vê como diretamente oposto é compreensível porque pertence ao mesmo sistema e pode ser pensado como algo simétrico. Afinal, para haver um polo superior é preciso haver o outro, onde se concentram os sujeitos inferiores. Por isso mesmo Paulo declara que a única pessoa que o compreende é Casimiro. Aceitando os mesmos valores, Casimiro é a contraparte de submissão que o autoritarismo de Paulo exige e, segundo essa sua visão, um mundo composto por Paulos Honórios e Casimiros estaria em perfeito equilíbrio. O mesmo se pode dizer de Marciano, embora menos ligado a ele do que Casimiro. Ele também é um igual pela oposição, e Paulo consegue ver-se como um igual a ele, quando se imagina traído por Madalena. É claro que isso aproxima demais os opostos, a um ponto em que aquele equilíbrio fica severamente ameaçado, e ele afasta logo a identificação: "Eu sou algum Marciano, bando de filhos das putas?" (CAMARGO, 2001, p. 802-803).

É possível verificar a esperteza do protagonista ao atribuir a si uma imagem de notoriedade, visando assim lucros por todas as formas: comprar os críticos do jornal para dar-lhe uma boa reputação e almejar lucros com a publicação do livro com nome da fazenda. Faria (2006, p. 134) aponta a lógica capitalista desse fato no seu trabalho, no qual o personagem apresenta uma postura instigante, preocupado com a forma de marketing dos seus produtos e assim com a alcance do lucro. São características essas, segundo o autor, do capitalismo moderno e que acabam correspondendo com o protagonista da obra de Graciliano.

Os personagens são inseridos na trama subitamente, sem introduções ou descrições significativas iniciais, muito menos traços de aparência ou personalidade, mas, aos poucos, o narrador vai realizando a descrição deles através do seu ponto de vista coisificado. Para ele, o que mais importa são os fatos e os personagens, o espaço seria secundário, um quadro sem maiores detalhes (SANTOS, 2008, p. 17).

Para isso, utiliza de um discurso manipulador, através da sua persuasão e repreensões constantes, atingindo um autoritarismo sem fins de contestação, como cita Gonçalves (2010, p.40). Seguindo a lógica de seu pensamento reificado, o protagonista imaginava seu projeto de conquistas explorando e

dominando pessoas.

A “animalização” a que Paulo Honório recorre em seu falatório é uma forma de justificar a quem está lendo o seu método de dominação pela alienação, que indica a resignação e faz com que os outros sujeitos submetam-se a ele (GONÇALVES, 2010, p. 52). No trecho abaixo, verifica-se o comentário de um autor acerca da reificação sucinta nos diálogos frequentes na fazenda

Essa reificação realizada por Paulo Honório, que se apresenta como “*todo-poderoso*”, pode ser resumida em uma única frase, proferida por um dos personagens, o Padilha, ex-proprietário e professor contratado de improviso para a escola da fazenda São Bernardo: “*O senhor conhece a mulher que possui*”. Assim, condensadora de múltiplos sentidos, o tópico frasal em que aparece o nominativo genérico “*mulher*” e o verbo no presente “*possui*” poderia ser lido, sobretudo, de duas maneiras: a primeira assumiria uma denotação comum de laço matrimonial, ou seja, quem possui uma mulher, casado está. Entretanto, a segunda percepção semântica da oração em questão teria efeito conotativo, ou seja, o verbo “*possuir*” chamaria atenção para a reprodução histórica de ideologia opressiva evidenciada pelo texto. Pois, ao “*possuir a mulher*” compreendemos no enunciado uma inferência acerca do tratamento depreciativo dado ao gênero feminino. Consequentemente, à esposa caberia o papel de objeto, pertencente ao senhor latifundiário, de sorte que o marido e soberano das terras da *São Bernardo* consideravam a si mesmo possuidor (ou dono) da personagem Madalena (BERNARDES, 2016, p. 54, grifo do autor).

Esse processo está presente em todo o romance, com as pessoas com quem o protagonista-narrador tem contato, usando-as como objeto de troca e de cunho explorativo, tornando-se uma prática diária e social. Vejamos alguns exemplos de Ramos (2008):

Eu por mim, entusiasmado com o assunto, esquecia constantemente a natureza do Gondim e chegava a considerá-lo uma espécie de folha de papel destinada a receber as ideias confusas que me fervilhavam na cabeça (p. 08)

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se. Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibiu a aguardente (p. 27).

Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem

analfabetos? — Esses homens de governo têm um parafuso frouxo. Metam pessoal letrado na apanha da mamona. Hão de ver a colheita (p. 28).

Eu tratava-o por doutor: não poderia tratá-lo com familiaridade. Julgava-me superior a ele, embora possuindo menos ciência e menos manha. Até certo ponto parecia-me que as habilidades dele mereciam desprezo (p. 30)

Está você aí se afogando em pouca água. Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada (p. 65).

Os outros continuavam a zumbir. Sebo! Uns insetos. Não valia a pena prestar atenção a semelhantes insignificâncias. Gente besta (p. 73).

As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus (p. 109).

Paulo Honório ficou obcecado com tamanho poder, pois qualquer pessoa ligada a ele teria obrigatoriedade de dar alguma serventia. Além disso, tornou-se individualista, enxergando apenas as possibilidades de lucro, o que se tornou para ele, algo extremamente destrutivo. De tudo isso, restou para ele a vida alienada e vazia no tempo presente da narrativa. A autora do trecho abaixo aponta, em seu trabalho, sobre o desenvolvimento da ação do personagem em reificar pessoas:

O processo de industrialização, mercantilização e globalização do capitalismo, sobretudo no que diz respeito à competitividade, à imediatividade, à lucratividade na e da vida social, são características constitutivas do individualismo exacerbado e violento, ou seja, da reificação da vida humana [...]. Deste modo, se o trabalho se apresenta alienado e mercantilizado, assim como todas as relações sociais, o indivíduo social incorpora essa lógica e se apresenta na vida social enquanto elemento coisal e objetual (VERONEZE, 2012, p. 36-41).

Ele não tenta apenas reificar pessoas ou objetos pessoais, mas também quaisquer espaços que pudessem fornecer algum benefício a sua grande empreitada de tornar-se poderoso, independente da forma como isso pudesse ser viabilizado. Em seu estado ilusório, não há margens legais para obter sucesso:

Escrevi algumas cartas aos bancos da capital e ao governador do Estado. Aos bancos solicitei empréstimos, ao governador comuniquei

a instalação próxima de numerosas indústrias e pedi a dispensa de impostos sobre os maquinismos que importasse. A verdade é que os empréstimos eram improváveis e eu não imaginava a maneira de pagar os maquinismos. Mas havia-me habituado a considerá-los meio comprados (RAMOS, 2008, p. 23).

Ao passar dos anos, o protagonista decide casar. Mas com interesses inteiramente financeiros, pois refletiu que chegou a hora de ter um herdeiro para administrar suas finanças e bens. O narrador reflete sobre como poderia designar-se uma tarefa quase que desconhecida, pois suas experiências com as mulheres sempre foram breves, mas que na sua delirante e reificada mentalidade, teria que ser uma noiva que se adequasse às suas exigências:

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar (RAMOS, 2008, p. 37).

Toda a discussão da trama está ligada a Paulo. Mesmo quando, algumas vezes, a direção da narrativa volte-se a Madalena, acaba-se por manter centrada no narrador-protagonista, construindo-se, assim, uma representação hierárquica do homem sobre a mulher, ademais como o forte poder do gênero masculino é assentado no contexto da obra literária. “Sua voz onisciente procura justificar os seus meios cruéis de opressão com base nos maus tratos a que ele mesmo fora submetido” (BERNARDES, 2016, p. 61).

Silva (2009) observou em seu trabalho que o personagem só percebe que está passando pelo processo de reificação quando lhe surge a ideia de contar sua história e refletir sobre tudo, como se observa no trecho abaixo da obra:

Foi aí que me surgiu a ideia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história [...]. De repente voltou-me a ideia de construir o livro [...]. Desde então procuro descascar fatos [...]. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei [...]. Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! (RAMOS, 2008, p. 108).

Paulo Honório era anticomunista. Então, quaisquer ideias desse viés político a ele apresentadas eram repelidas, assim como quaisquer contextos que lhe parecessem estranhos seriam remetidos por ele ao comunismo ou ainda a falta de religião. Ferreira (2016, p.340) cita que o protagonista não se permitia reavaliar seu idealismo para compreender as ideias supracitadas.

O fragmento abaixo nos dá uma ideia da posição estética e ideológica de Graciliano Ramos, especialmente no romance que ora nos ocupa.

Graciliano historiador, teórico, estrutura o conjunto da obra, na série e em seus desdobramentos periféricos, sob o prisma rigorosamente orgânico e coeso, econômico e utilitário da conceptualização marxista, sem submetê-la, ainda que confessasse a discreta intenção didática de S. Bernardo, a qualquer projeto explícito ou programa, dando ao século, com sua literatura não distanciada no sentido de Brecht, mas também não-doutrinante como no realismo socialista, uma das respostas mais significativas à questão da arte engajada, sob a condição periférica e colonizada da cultura brasileira (FALLEIROS, 2013, p. 79).

Sabe-se que, embora tenha se filiado ao Partido Comunista a convite de Luis Carlos Prestes, Graciliano Ramos sempre se recusou a submeter sua obra ao crivo estético e ideológico daquela organização política, embora oferecesse, através dela, uma leitura marxista um tanto livre da realidade brasileira.

4 MADALENA: A RESISTÊNCIA CONTRA A REIFICAÇÃO

Madalena é o ponto de virada da trama: a personagem tem sua primeira aparição numa conversa entre os homens da fazenda, mas Paulo só tem contato direto com a moça ao ir a seu encontro para propor-lhe o casamento. Madalena não é o tipo de mulher que Paulo estava buscando para ser a perfeita progenitora de seu herdeiro. Porém, ele imaginou, pelas primeiras impressões colhidas, que ela seria submissa às suas ordens e desejos, sendo o bastante para se conviver, pois parecia ser de fácil dominação, visto que era o esperado das mulheres na sociedade patriarcal na qual estavam inseridos. “A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família” (RAMOS, 2008, p. 53).

Madalena demonstrou hesitação diante do pedido ali feito, pois tinha acabado de conhecer o homem a sua frente. Mas, mesmo sendo uma mulher autônoma e dona de si, acabou aceitando as condições persuasivas para o casamento com Paulo Honório, pois essa era uma das poucas alternativas para obter um conforto para ela e sua tia.

Desde o início, é possível observar que o narrador-protagonista trabalha para que seus planos obtenham êxito, servindo também para isso a dominação da futura esposa, a qual a trata como objeto durante todo o processo: “É conveniente que a mulher seja remetida com cuidado, para não se estragar na viagem” (RAMOS, 2008, p. 32).

No decorrer da trama, a verdadeira Madalena vai ganhando cena, revelando seus dons intelectuais e passando a contrariar a palavra do marido, ameaçando a integridade da figura masculina da história e derrubando suas tentativas de coisificá-la:

Desde então comecei a fazer nela algumas descobertas que me surpreenderam. Como se sabe, eu me havia contentado com o rosto e com algumas informações ligeiras. Tive, durante uma semana, o cuidado de afinar minha sintaxe pela dela, mas não consegui evitar numerosos solecismos. Mudei de rumo. Tolice. Madalena não se incomodava com essas coisas. Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano... (RAMOS, 2008, p. 57).

Ela conhecia o mundo através dos estudos e formação culta; tinha argumentos para diálogos em várias vertentes, independentemente do gênero na conversa. Devido a essa facilidade, observa-se a empatia e humanização da personagem nas conversas. Silva (2019, p.33) explana que nas obras de Graciliano eram mostradas mulheres fortes mas que infelizmente viviam numa sociedade machista e não tinham grandes chances de mostrar sua magnitude. As figuras femininas procuram questionar seu papel na hierarquização que eram submetidas, buscando sua identidade, para sair da zona secundária, principalmente no interior do nordeste, no qual o patriarcado era mais severo.

Madalena nunca deixou infiltrar-se pelos pensamentos do marido devido ao seu caráter humanitário se contrapor ao viés capitalista do marido. Ao passo que ele via o homem como objeto de serviços e produção, ela o via como detentor de qualidade morais (MARINHO, 1996, p. 129). Madalena via sentido na vida sendo humanitária, sempre preocupada com ajudar o próximo, buscando os princípios para fazer a sociedade mais justa e igualitária, através, segundo Santos (2008, p.24) da leitura, pesquisas e diálogos, procurando entender na perspectiva do pensamento humanitário, sabendo reconhecer as pessoas como seres humanos com sentimentos e qualidades e não como um animal ou objetos. E, para a indignação do marido, tenta conscientizar os moradores da fazenda.

Em determinado momento, Paulo Honório acredita que a esposa tenha o comunismo como ideologia política, e isso foi o bastante para um breve acesso de raiva que poderia se estender às futuras complicações no casamento: “Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. ‘Palestras amenas e variadas’. Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo” (RAMOS, 2008, p. 79).

O clima entre marido e esposa vai ficando cada dia mais intragável, pois, para Paulo Honório, Madalena era uma ameaça a sua integridade, pela recusa de Madalena a alienar-se, não entrando em seu jogo de reificação. Paulo Honório se incomoda, por exemplo, pela forma diferente como Madalena conduzia a escola, pois assim, mais uma vez, não possuía domínio sobre as ideias da esposa, o que o enfurecia ainda mais. No trecho, o autor Correa (2019, p.105-106) atenta-se ao protagonista não compreender as ações da esposa e ela se mostrar diferente do que imaginara:

É esse aspecto da busca que o dominador fazendeiro parece não compreender. Como não compreendia, subjugava as ideologias da esposa, incomodado por ela assumir posições contrárias às dele. Frustrava-se por não manipular as ideias e ações da moça, por não controlá-la como fazia aos outros, como se faz a objetos. Esse incômodo, associado à ânsia pelo domínio, condiz com a visão reificada que Paulo Honório tem do mundo e do outro. A “professorinha de primeiras letras” não se renderia à ideologia do marido, assumindo uma resistência à qual ele não estava acostumado até então. Ela não se adequou ao que o marido supunha que ela devesse ser.

Para o personagem que foi conheceu a escrita e leitura na época de cárcere, além de aprender matemática básica para não ser roubado nos negócios, se deparar com uma mulher que é tão próxima de um mundo oposto ao dele, expõe uma ameaça à integridade de sua autoridade como coronel e fazendeiro e, também como o homem da família. Sendo assim, ele era detentor do poder econômico, enquanto a esposa possuía o intelectual.

Com tais características temos a peça *Mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues, na qual Olegário, personagem da trama, assim como Paulo, não consegue conter sua esposa Lídia e começa a delirar com desconfianças e ciúmes, colocando a mulher contra a concepção ideológica de objeto de posse dos homens.

A inquietude do personagem não está de nenhuma forma ligada ao sentimento amoroso, pois este jamais é citado, no decorrer da obra; não é algo que o incomoda ou mesmo enfurece. O sentimento de Paulo Honório está mais relacionado ao controle do outro, à preocupação por não conseguir ter o controle sobre a esposa, pois a Madalena se nega a viver nessa situação em que seus valores são negados. Ela sabe, como menciona Gonçalves (2010), que ela sabia interpretar corretamente a realidade que estava instaurada, entretanto queria vivenciar a sua verdade que o sistema não permitia, levando o marido a sentir-se cada vez mais intimidado, como podemos também observar no trecho abaixo:

Essa diferença entre os dois acaba funcionando como um elemento que os afasta e impossibilita a convivência familiar. Segundo Lafetá (1985) “*Madalena se recusa à reificação e Paulo Honório se espanta. Já não compreende a mulher, sente que ela não joga de acordo com as regras de seu jogo. Sua irritação vai num crescendo constante*”. Neste sentido, tendo em vista que a reificação atinge, não só a vida econômica, mas também a vida privada dos indivíduos, ela se nega a entrar nesse jogo e não permite que a reificação condicione sua

personalidade (SILVA, 2019, p. 39).

Sem a conexão necessária para uma convivência, Madalena se viu cada vez mais isolada de Paulo Honório e passou a conviver com outras pessoas da fazenda, inclusive os homens: Doutor Magalhães, Nogueira e os capatazes. Ao observar de longe tais diálogos, Paulo Honório desenvolve um ciúme descontrolado, alimentando diariamente sua indignação, sucedendo-se a criação de hipóteses que o levavam a agir baseado em achismos infundados: “uma criatura branca, bem lavada, bem vestida, bem engomada, bem aprendida, não ia encostar-se àqueles brutos escuros, sujos, fedorentos a pituim...” (RAMOS, 2008, p. 90).

Segundo Abel (1996), os ciúmes do protagonista iniciam com desconfianças normais, isto é, a insegurança de perder o objeto amado. Seguido de suspeitas de possíveis amantes, faz uma autocrítica em seguida e, por fim, dá espaço à imaginação sem situações claras e reais. Milhomen *et al.* (2019, p.19) explica que esse processo de ciúmes é chamado de ciúme patológico, no qual o ser acredita que o discurso comporta mentiras, sem verdades praticáveis. Nenhuma prova seria capaz de refutar seus pensamentos.

É notável ainda a ausência de ciúmes por parte de Madalena, mesmo que Paulo Honório esteja escrevendo o livro, pois se ele observasse algum sentimento semelhante na esposa, ele tomaria nota. Borges (2018) também salientou isso em sua tese, o protagonista não omitiria esse detalhe no relacionamento. Ademais, seria benéfico para a composição textual do protagonista inserir esses pormenores.

Ainda assim, o personagem quer impor seu lugar como marido dominador, tentando encontrar meios de mostrar a Madalena que ela estava equivocada com suas ideias: “Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos. Absurdo” (RAMOS, 2008, p. 62).

Madalena passa a sofrer bastante com toda essa chantagem emocional ocasionada por Paulo Honório, passa a ter desgastes mentais e físicos. É então que começa a definhar. Em casos de depressão na relação conjugal, segundo Santos & Bervique (2007, p.3-4), o indivíduo tem sintomas como alterações de peso e diminuição do apetite, apatia, atividades diminuídas, sono, sentimentos de culpa ou

desvalia, tornando-se triste e melancólica, assim como pensamentos sobre morte ou ideiação suicida.

A personagem continua com tais sintomas; nem ao filho ela se mostra mais disponível. O passar dos dias e o desgaste físico e psicológico fazem Madalena suicidar-se. Viver numa vida de calvário pelo obcecado marido ciumento não valia mais a pena: uma vida horrível.

Quando tudo está insustentável, a única alternativa vista pela protagonista é o suicídio: “vitória da reificação que destrói o humano, derrota de Paulo Honório” (LAFETÁ, 1985, p. 209). Até em sua morte ela deixa presente a marca de sua formação culta, ao deixar para o viúvo uma carta. Correa (2019, p. 108) assim vê esse episódio:

Sua própria morte reflete a não aceitação de Madalena ante a reificação que seu marido impunha aos que o cercavam. Mesmo nesse ato de desespero, contudo, é curioso notar que também há uma referência à sua instrução formal: a carta que ela escreve. Não parece ser ao acaso que, quando seu casamento atinge o limite da incomunicabilidade, ela use do artifício da escrita para se expressar.

Comparando-se a atitude dos demais personagens do romance, vê-se que Madalena foi à única que o personagem-narrador não conseguiu coisificar, como era seu grande desejo. Em outras palavras, Paulo Honório não conseguiu submetê-la e dominá-la como a um objeto sem vontade própria. “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste” (RAMOS, 2008, p. 61). Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo (RAMOS, 2008, p.110).

Paulo Honório, orgulhoso e arrogante, se deixa levar pelo seu caráter difícil e pelo menosprezo que tem à cultura e à instrução, inclusive por pessoas que gastam tempo com livros. Mas, ironicamente, se encontra, ao final, escrevendo um livro para aplacar sua angústia, preencher seu vazio e, quem sabe, encontrar algum sentido para a vida: “Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente” (RAMOS, 2008, p.110).

Pelo o prisma supracitado, Correa (2019, p.109) mostra que Paulo Honório se submeteu a escrever não apenas para sua rendição pessoal, mas também para

se render aos ideais que a esposa representava, mesmo que parcialmente, aplicando na escrita a vontade de entender e saber os pensamentos de Madalena.

Assim, isolado de todos, coabitando com o filho pelo qual sente desprezo, sem sequer dar-lhe um nome – “é certo que havia o pequeno, mas eu não gostava dele” (RAMOS, 2008, p.104) – segue vendo sua sonhada fazenda ruir pela quebra na bolsa.

Hipóteses são levantadas por críticos sobre a forma de lidar com o pensamento acerca das atitudes de Paulo Honório no decorrer da trama. Isto é, se é possível atingir o nível de entendimento para empatizar as ideias e escolhas do protagonista. Ferreira (2016, p. 341) traz, em um trecho de sua obra, alguns comentários sobre essa ideia:

Negar que Paulo Honório apresenta-se enquanto um indivíduo problemático desde o início do romance implicaria aceitar que as ideias que ele utiliza na mediação com a realidade carecem de caráter ilusório e seriam suficientes ao estabelecimento de relações autênticas, mas isso implicaria uma interpretação extremamente grosseira do livro de Graciliano Ramos. Considerar problemático o herói unicamente no final do romance, por outro lado, significaria condicionar o caráter problemático do indivíduo romanesco a uma consciência de si enquanto indivíduo problemático.

Lafetá (1985, p. 214) também tece algumas observações sobre o final de Paulo Honório:

A verdadeira busca começa onde termina a vida de Paulo Honório... A busca verdadeira, a procura dos verdadeiros e autênticos valores que deveriam reger as relações entre os homens. A vida terminou, o romance começa. [...] só neste instante o herói se torna problemático, o universo surge como vazio e degradado, o sentido da vida desaparece. Antes, Paulo Honório fora um personagem coeso e forte, movendo-se em um mundo de objetivos claros e (ainda que ilusórios) repleto de significado: a propriedade. O suicídio de Madalena desmascara a falsidade do sentido e problematiza tudo.

Por fim, Paulo Honório abraça a solidão e se dá conta das escolhas egoístas que fez e que não conseguiu dominar; sendo assim, foi vencido. Ele não morreu, mas sucumbiu a uma possível derrota tão degradante quanto o destino de sua esposa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia inicial do presente trabalho adveio da primeira leitura, no qual foi constatado, ao decorrer, o processo de reificação do protagonista Paulo Honório e o constante processo de tentar persuadir a esposa Madalena e ela resistir. Assim, estabeleceu-se uma curiosidade em conhecer a opinião de críticos e teóricos sobre esse tema no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Com a releitura do romance, além dos trabalhos teóricos e de alguns autores da fortuna crítica de Graciliano Ramos, foi possível revisitar o assunto e fazer reflexões acerca da reificação na obra em questão.

Já existem muitos trabalhos tratando da reificação nesse romance. Entretanto, quisemos trazer nesta pesquisa um compilado de ideias para enfatizar as diferentes perspectivas dos autores diante do objeto de estudo: no primeiro capítulo, trouxemos a fortuna crítica do autor, através de alguns críticos, como Antonio Candido, trazendo críticas positivas e Álvaro Lins, que, por outro lado, não trouxe uma avaliação otimista. No próximo capítulo, tratamos do processo de reificação do protagonista, desde sua infame adolescência até estabelecer-se como senhor da fazenda, no qual tinha pessoas ao seu redor para realizar todas as suas ordens e objetifica-las. Por fim, o terceiro capítulo nos apresenta a figura da esposa Madalena, que durante toda a trama foi imposta a ser submissa, entretanto, seus preceitos humanos e fins escolares a levaram a não ceder às diretrizes do marido, até a ruína de ambos. Na presente pesquisa, foi possível demonstrar as diferentes opiniões dos autores citados sobre a reificação, alienação e coisificação do protagonista da obra, além da resistência de Madalena.

Concluimos um breve levantamento bibliográfico acerca da obra de Graciliano Ramos, ampliando a compreensão e enriquecendo o acervo literário com embasamento em diversas obras. Entretanto, há uma vasta quantidade de obras que remetem à obra e ao autor, então se deve enfatizar a impossibilidade de adicionar todas as produções a presente pesquisa.

Podemos constatar também que *São Bernardo* é atual, apesar dos 87 anos passados da publicação original, mostrando a importância do romance, pois vemos em tempos contemporâneos muitos Paulos Honórios e muitas Madalenas.

REFERÊNCIAS

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. Graciliano Ramos, Karl Marx, Sigmund Freud e Ernest Hemingway. **Cerrados**, Brasília, n. 5, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/826/713>>. Acesso em: 02 maio 2021.

BERNARDES, Erick da Silva. Um retrato multifacetado de Graciliano Ramos. **Revista Ao pé da Letra**. v. 17.2, p.137-144, 2015. Disponível em:<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedalettra/article/download/231882/26067>>. Acesso em: 03 maio 2021.

BERNARDES, Erick da Silva. O Agudo e o Crônico: Masculinidade e Paratopia em São Bernardo e “Mulheres”, de Graciliano Ramos. **Revista Estação literária**. Londrina, v. 16, p. 50-63, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28475>>. Acesso em: 03 maio 2021.

BORGES, Gabriela Brahim Correa. **O(s) ciúme (s) em São Bernardo, de Graciliano Ramos, e Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa**. 2018. 133p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória –ES, 2018. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_11783_Disserta%E7%E3o%20de%20Gabriela%20Brahim%20Correa%20Borges%20%28PPGL%20%20Ufes%29%20FINAL.pdf> Acesso em: 04 maio 2021.

BOTTOMORE, Tom (Org.) **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão: Ensaios sobre Graciliano Ramos**. Ouro sobre azul. 3. ed. Rio de Janeiro. 151p. 2006. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/antonio-candido-ficc3a7c3a3o-e-confissc3a3o.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

CAMARGO, Luis Gonçales Bueno de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. 2021. 953f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – UNICAMP, Campinas-SP, 2001 Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269842>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CORREA, Gabriela Bahim. Madalena e a humanização pela educação em São Bernardo. In: DALVIN *et al.* LITERATURA e EDUCAÇÃO Contextos, tensões e práticas. **Brasil multicultural**. Rio de Janeiro, p.102-110, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/joao_vicente4/publication/338901447_aya_de_yopougou_no_ensino_da_leitura_e_da_cultura_africana_-_maria_amelia_dalvi_fabiane_verardi_burlamaque_rosiane_de_fatima_ponce_tallit_a_braga_plaster_organizadoras_literatura_e_educacao_contextos_t/links/5e31d7b4458515072d6e0cd7/aya-de-yopougou-no-ensino-da-leitura-e-da-cultura-africana-

maria-amelia-dalvi-fabiane-verardi-burlamaque-rosiane-de-fatima-ponce-tallita-braga-plaster-organizadoras-literatura-e-educacao-contextos.pdf#page=100>. Acesso em: 03 maio 2021.

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sonia (Org.). **Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed., col. Fortuna crítica, v. 2, 1965

FALLEIROS, Marcos Falchero. O elogio ao marxismo, em Graciliano Ramos. **RomaTrepres**. Ano 1. Università degli Studi Roma Tre., p. 77-83. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309482773_O_elogio_do_marxismo_em_Graciliano_Ramos>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FARIA, Vivianne Fleury de. **Um fausto cambembe**: Paulo Honório. 2006. 206f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/6546>>. Acesso em: 04 maio 2021.

FERREIRA, Raul Azevedo de Andrade. O caráter problemático de Paulo Honório **Revista Moara: Estudos Literários**. ed. 46. 22p., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/4245>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

GONÇALVES, Rogerio Gustavo. **Interdiscursividade e ironia em São Bernardo**. 2010. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto-SP, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99095>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

LAFETÁ, João Luiz. **O mundo à revelia**. In.: RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro, p. 192-217, 1985. Disponível em: <<https://aulasdatahaisunitau.files.wordpress.com/2019/06/joc3a3o-luiz-lafetc3a1.-o-mundo-c3a0-revelia.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

MARINHO, Maria Celina Novaes. Representação das linguagens sociais no romance: Desencontro cultural e ideológico em São Bernardo, de Graciliano Ramos. **Língua e Literatura**, n. 22, p. 123-135, 1996. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/268361477.pdf>>. Acesso em 29 abr. 2021.

MENDES, Fabiano. Crítica... Graciliano Ramos... Crítica...: Seus romances, os críticos, suas críticas numa ciranda. **Teresa revista de Literatura Brasileira**. ed. 18, p. 181-197, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/download/127361/138355/284431>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

MILHOMEN, Flora Lamarão da Silva. et al. O ciúme patológico nos relacionamentos amorosos: um olhar psicanalítico. **Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 9, n. 1, p. 13-22, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/3008>>. Acesso em : 14 abr. 2021.

PRADANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

Ramos, Graciliano. **Decadência do Romance Brasileiro**, n.1, Rio de Janeiro, p. 93-97, 1946. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17622>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. ed. 88. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2009. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/download-s-bernardo-graciliano-ramos-em-epub-mobi-e-pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SANTOS, Edna Mattos; BERVIQUE, Janete de Aguirre. Depressão e relação conjugal: um estudo de caso. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**. A.5, n.9, 13p, 2007. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/hl4P7oSnbYnGyQU_2013-5-10-16-23-10.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SANTOS, Jaqueline Queiroz Procópio dos. **Escrita e memória em S. Bernardo**. 2008, 82f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia- MG, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11788/1/Jaqueline.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2021.

SILVA, Janaina Angela. **Contrapontos entre o masculino e o feminino em São Bernardo, de Graciliano Ramos**. 2009. 80f. Dissertação (Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6158/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SILVA, Janaine Januario. **Madalena: o avesso de Paulo Honório no Romance "São Bernardo"**, de Graciliano Ramos. 2019. 48f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia- AL, 2019. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5137>>. Acesso em: 04 abr.2021.

SIRINO, Salete Paulina Machado. Paulo Honório: a voz de Graciliano Ramos em S. Bernardo. **Revista de Literatura, História e Memória**. v.11, n.17, p. 151-169, 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/12149>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SOUSA, Izaura Vieira Mariano de. A crítica à obra de Graciliano Ramos nos jornais: influências e permanência no discurso acadêmico. **XV ABRALIC**, p. 1623-1631p, 2016. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491262528.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

VERONEZE, Renato Tadeu. A realidade coisificada e reificada em tempos de

manifestações sociais. **Emancipação**, v.14, p. 33-45, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em: 04 maio 2021.

ZAWASKI, Tatiane Peres. A alienação e o humanismo retratados na figura dos personagens Paulo Honório e Madalena na obra São Bernardo, de Graciliano Ramos. **Revista sem aspas**. v. 3, n 1/2, p. 60-67, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/7645>>. Acesso em: 20 abr. 2021.